



Sarney na ONU: desarmamento latino-americano.

* 8 JUN 1988

FALA SARNEY

JORNAL DA TARDE

Garantia na ONU: sem
ameaça nuclear na América do Sul.

Viagem

O presidente José Sarney disse ontem que desarmou, com o presidente Raul Alfonsín, da Argentina, "qualquer ameaça nuclear na América Latina", durante um discurso feito no plenário da Nações Unidas, que tinha apenas a metade de suas cadeiras ocupadas. O presidente foi interrompido uma única vez, com o deputado Milton Reis gritando "muito bem", sentado perto de dona Marly, numa galeria lateral, reservada para convidados. A frase que o exaltou — "Os impérios não duram eternamente. A História é mais forte e mais dinâmica que as hegemonias" — estava no final do discurso, aplaudido por alguns segundos.

"Estavam lá todos os representantes dos sete países grandes" — Estados Unidos, Canadá, França, Alemanha Ocidental, Japão, Itália e Inglaterra —, orgulhou-se um funcionário do governo brasileiro. "É isto que conta: os grandes". A fila que se formou para cumprimentar o presidente Sarney também foi longa. O embaixador norte-americano na ONU, general Vernon Walters, disse ao presidente Sarney que "foi um grande discurso, que está à altura da expressão moral de seu país".

Hoje, Sarney vai receber os repórteres do *New York Times*, *Washington Post*, *Wall Street Journal*, *Financial Times* e *Christian Science Monitor* para um café da manhã, em sua suíte do 14º andar do Hotel Intercontinental. A iniciativa da entrevista coletiva partiu da Embaixada do Brasil em Washington. Ontem, após seu discurso, o presidente deu uma entrevista para o circuito hispânico da cadeia de televisão a cabo mundial, CNN. Os principais jornais americanos ainda não deram nenhuma nota sobre a visita presidencial.

Logo depois de elogiar a reunião de cúpula Reagan/Gorbachov, o presidente Sarney falou sobre uma de suas preocupações: "Me preocupa o fato de que, se a paz e a guerra são, nos dias de hoje, problemas que afetam a própria existência da Terra, que pode ser várias vezes des-

truída, a nossa atitude, de países pobres e desarmados, impotentes na fantástica corrida da tecnologia da destruição, não pode ficar apenas na posição do aplauso antigo: ave, César, os que vão morrer te saúdam".

O presidente, discorrendo sobre a morte, declamou uma poesia de Ferreira Gullar, e acrescentou que "a questão (do desarmamento) não é apenas das grandes potências. É perigosa demais para esgotar-se entre dois homens, embora a responsabilidade maior lhes pertença". Depois disso, ele passou a falar sobre a América Latina: "Presido uma nação que se orgulha de não ter pendências ou hipotecas a resgatar no campo da paz e da segurança internacionais (...) Temos fronteiras com dez países, sem nenhum problema, que se transformam em vanguardas vivas da amizade e da integração".

O presidente Sarney repetiu o seu compromisso de utilizar a energia nuclear exclusivamente para fins pacíficos: "Como declarei ao anunciar, em 4 de setembro de 1987, o domínio pelo Brasil da tecnologia do enriquecimento do urânio não se pode prescindir do acesso amplo e desimpedido ao conhecimento científico e suas aplicações pacíficas". Esta era considerada, ontem, por membros da comitiva do presidente, a parte mais importante do discurso brasileiro — o desarmamento da América Latina.

Antes de falar à Assembléia Geral, o presidente foi recebido pelo secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar. Depois, o grupo dos países latino-americanos e do Caribe promoveu uma sessão em sua homenagem. Sarney almoçou com os oito convidados de sua comitiva, todos deputados, no restaurante Giambelli, e de noite foi a um coquetel na casa de Aimee de Heeren, uma brasileira que se casou com um americano. Ele jantou com o presidente de Portugal, Mário Soares.

**Moisés Rabinovici,
de Nova York.**